



REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA

AS VOZES QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI: MEMÓRIA DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS

Joana Célia do Socorro Gomes de Andrade Martins

Resumo

Neste relato a autora faz um passeio na sua memória de contadora de histórias e revisita as vozes que embalaram os momentos de brincadeiras, reflexão, alinhamento e amadurecimento desde os caminhos percorridos durante a infância, na pequena cidade de Oeiras do Pará, seguindo pela sua atuação como professora, contadora de histórias, até conhecer propriamente a arte de contar histórias, que veio com os estudos junto ao grupo Ayvu Rapyta, do qual participa há dez anos, levando encantamento e poesia para crianças de todas as idades.

Palavras-chave: Memórias. Vivências. Arte de contar histórias.

Abstract: In this report, the author takes a walk in her storyteller's memory and revisits the voices that packed the moments of play, reflection, alignment and maturation from the paths she had taken during childhood in the small city of Oeiras do Pará, following her performance as a teacher, storyteller, until she knew about the art of storytelling, which came with her studies with the Ayvu Rapyta group, of which she participated for ten years, bringing enchantment and poetry to children of all ages.

Keywords: Memories. Experiences. Storytelling art.

O Pai

Palminhas e palminhas
Mamãe dá a maminha
Papai quando vier
Dá sua sopinha de mel
Vovó com o cipózinho
Na bundinha do nenê
“Paque” na bunda do neném³

O meu percurso enquanto contadora de histórias começa quando eu ainda era pequena em Oeiras do Pará⁴, em uma casa de madeira que ficava de frente para o rio de águas claras com o fundo de areia e algumas pedras. Havia também uma ponte enorme, um trapiche e um depósito. Era a casa mais alta da rua, tinha um palanque na frente e só quando cresci entendi o motivo: era para os dias de lançante, quando as águas cresciam, cobriam nossa ponte e inundavam as ruas. Eu e meus irmãos ficávamos no palanque olhando peixes e pequenas cobras que passavam na calçada de cimento. Fazíamos barquinhos de papel e soltávamos na água. Tinha muita sanguessuga e as pessoas espremiam limão nos pés para que elas caíssem. Eu chorava só de ver, até hoje tenho medo de sanguessuga.

A primeira voz que aparece quando passeio na memória afetiva de minha infância é a de meu pai, Ananizio Viana de Andrade, o velhinho de cabeça branca, como era carinhosamente chamado antes de se encantar. Só gostava de camisa com bolso e nele colocava um lenço e um pente, vivia penteando seus cabelos ralinhos. Adorava brincar com as palavras e logo aprendi a dizer trava-línguas,

parlendas e adivinhações. Sentava no chão com as mãos espalmadas e convidava para brincar de *Vassourinha, vassourinha, varre a casa da rainha. Gata pintada quem foi que te pintou? Foi uma velha que passou por aqui. Tempo de Eva, voa a poeira, puxa o lagarto pela ponta da orelha-lha*. E rindo, puxávamos as orelhas uns dos outros.

À noite, quando já estávamos deitados na rede, papai contava histórias. Depois de dormir ele me colocava na cama ou em outra rede. Deixava uma grande lanterna debaixo da rede, tinha muita coragem e enfrentava qualquer visagem, embora eu nunca tenha visto nenhuma. Ele ensinava orações de proteção para eu me defender dos pesadelos “*Sangue de Jesus tem poder!*”. Também ensinava canções de ninar, provérbios e muitas histórias, algumas engraçadas e outras de deixar qualquer um de cabelo em pé. Uma das minhas favoritas era a de João e Maria. Lembro que ficava apavorada quando chegava o momento em que ele dizia “*E a velha gulosa gritava: “água, meus netos!” e João e Maria respondiam: “azeite, minha vó!”; “água, meus netos!”; “azeite, minha vó!”; “água, meus netos!”; “azeite, minha avó!”*” Acho que vem daí minha predileção pelas histórias que provocam medo.

Papai trabalhava no comércio ao lado de casa, no entanto, estava sempre disponível para brincar conosco a qualquer hora do dia ou à noite. Ele me desafiava a falar três vezes “*jabuti*”, sem falar “*butija*”, mas tinha que ser rápido e eu nunca conseguia, nem bem iniciava e papai dizia “*ih, já falou butija!*” E rindo

³ As epígrafes que introduzem cada parte do artigo foram retiradas de brincadeiras ensinadas por meu pai Ananizio Viana de Andrade.

⁴ Município no Nordeste do Pará, os antigos moradores o chamavam de Vila Araticu.

continuava “*vai, fala três vezes jabuti, mas não pode falar butija*”.

A hora do banho era muito divertida, quer dizer, quando eu e meus irmãos íamos com o papai. Com a mamãe não chegava a ser engraçada. Nosso banheiro ficava no trapiche, era uma espécie de quarto com uma escada para o rio, no final dos degraus havia um quadrado assoalhado, mamãe nos dava banho nesse banheiro com a água do rio, descíamos até próximo às águas e ficávamos sentados nos degraus enquanto mamãe nos ensaboava e nos jogava água com uma cuia.

Entretanto, quando tomávamos banho com papai era tudo diferente, primeiro que não era no banheiro, era no rio. Descíamos por outra escada, na mesma ponte, e ficávamos sentados nos degraus próximos à água. Papai descia, entrava na água e começava a nos chamar, um de cada vez. Nós íamos mesmo sem saber nadar, tamanha era a confiança nele.

Papai ficava na água a um metro de distância da escada e me chamava, eu ia, mesmo com medo, enquanto ele ia se afastando. Quando eu percebia que ele se afastava, me debatia na água, começava a chorar e mergulhava, ele rapidamente me trazia à tona. Depois me colocava no degrau e me chamava novamente, eu não queria ir, tinha medo, mas ele ficava bem perto novamente e me convencia, então eu ia de novo e a cena se repetia, foi assim que entre mergulhos e pequenos afogamentos aprendi a nadar.

Havia um amigo de papai chamado Cisinando, era alto, forte, cabelos brancos, lábios grossos, perfeito representante da raça

negra. Gostava de fumar um cachimbo e quando falava parecia um trovão. Papai costumava contar histórias do Cisinando e eu adorava ouvi-las. Colocarei duas aqui:

Cisinando ensina a caçar

Cisinando se gabava de ser um excelente caçador. Dizia que escolhia uma caça, segurava-a, colocava-a debaixo de uma árvore, enquanto ia até sua casa buscar uma corda para amarrar sua presa. E acreditem, a caça ficava quietinha esperando por ele.

Certo dia uma pessoa resolveu desafiá-lo dizendo que ia junto em uma caçada e que a caça deveria ser um veado. Cisinando riu e falou: “Tu não tens coragem!”, mas o homem confirmou que ia e o Cisinando avisou: “Está bem, mas tens que fazer tudo o que eu disser e terás a caça que escolheres”. Combinaram para o dia seguinte a caçada.

Cisinando chegou na hora marcada e levou o desafiante até a mata fechada. Chegando lá escolheu uma árvore, cavou um buraco lá perto, colocou na boca um punhado de pimenta malagueta, mastigou, mastigou, depois retirou da boca e jogou no buraco, tampou com um pouco de terra e colocou um laço sobre o local e deu o restante da corda para o homem segurar.

Tudo pronto, Cisinando avisou: “Olha, vão passar três veados, um de cada vez, tu só podes puxar a corda com o laço quando passar o terceiro veado, pois só esse é um animal de verdade. Os outros dois chegarão, ficarão algum tempo parados com o pé no laço, mas tu não fazes nada, deixa eles passarem”.

Falando isso, se afastou para ver se o homem realmente era corajoso.

Não demorou e passou o primeiro veado, era grande, olhos de fogo e parou perto da árvore. O homem começou a tremer, pois percebeu que aquilo não era um veado de verdade e sim alguma coisa pavorosa que o fitava. Depois ele foi embora e não mexeu com o homem.

Passado algum tempo apareceu o segundo veado, ele vinha gritando e soltando fogo pela boca, um forte cheiro de enxofre exalou pela mata. O homem não conseguiu se segurar, o medo era demais, e ele saiu correndo e gritando por Cisinando, nunca voltaria a caçar, nunca mais entraria sozinho na mata.

Cisinando começou a rir e disse: “Mas que medroso, nem esperou pela caça!”. E o homem não parava de tremer, chorando para voltar para casa. Nunca mais duvidaria daquele estranho caçador que sempre aparecia com a caça que lhe encomendavam. Nem quis saber como Cisinando fazia para caçar.

A pele dançarina

Certa vez, o Cisinando entrou em uma mercearia e visualizou umas peles de animais penduradas para venda. Antigamente era comum, nas cidades do interior, a venda desses couros em qualquer taberna. Cisinando olhou, olhou, e falou para o dono: “Eu sei fazer essas peles descenderem daí e começarem a dançar”. O dono da venda duvidou, ele não sabia do que o Cisinando era capaz.

Cisinando olhou novamente para o amontoado de couro e começou a rir, uma risada diferente, parece que estava mundiando um animal. E não é que depois de algum tempo uma pele saiu do monte e começou a se sacudir. O dono do estabelecimento se arrepiou todo e começou a gritar: “Saia, vá embora, e não entre mais aqui, saia, saia”. Cisinando ainda sorrindo, deixou a taberna, e a pele dançarina voltou ao seu lugar.

Os alunos

*Uma cobra enrodilhada.
Quem te desenrodilhou?
Bom desenrodilhador será.*

Minha entrada na escola como professora da rede pública estadual e municipal de Belém para atuar com turmas do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental coincidiu com meus estudos na Universidade do Estado do Pará, no curso de Formação de Professores. Assim, aproveitava o que aprendia sobre leitura e a sua importância para levar a meus alunos, além da minha experiência como ouvinte de histórias. Depois conheci o teatro em um curso de Iniciação Artística no Curro Velho, a partir daí a arte passou a me acompanhar mais de perto nas minhas aulas.

Sempre gostei muito de histórias, teatro, danças, cantigas de roda, tudo relacionado à arte, mas minha timidez me atrapalhava muito, por isso prometi que meus alunos não seriam tímidos, pelo menos eu iria contribuir para que não fossem. Fazia leitura de histórias para eles e depois fazíamos “performances”, era uma maneira rápida de recontarmos a história em

forma de teatro, aprendi isso com uma amiga que era atriz.

No começo era só risada e poucos alunos, só os mais extrovertidos é que aceitavam realizar as performances, mas eu insistia e aos poucos mais alunos concordavam em participar da atividade. Às vezes fazíamos até cinco vezes a mesma história, o meu objetivo era alcançar os mais tímidos, porém nunca forcei nenhum aluno, eles demoravam muito para começar a participar, mas depois que iniciavam eram os mais dedicados, liam com mais autonomia e prestavam atenção aos detalhes. Também foi possível melhorar a leitura dos alunos que falavam muito, gostavam de bagunçar, mas liam pouco. Aproveitava esses momentos para trabalhar a postura e a expressividade vocal deles. Além de me divertir com a turma, porque eram muito engraçadas as performances e a alegria gerada contribuía para desenvolver o amor pela palavra.

Tenho até hoje o “Visagens e assombrações”, do Walcyr Monteiro, que ganhei de um aluno. Ainda me emociono quando recordo o jeito que ele se aproximou timidamente e me entregou o livro. Ao abrir, percebi que algumas páginas estavam coladas e ele contou que salvou o livro de um incêndio, havia muitos livros queimados e molhados, ele pegou aquele livro ainda molhado, o secou com cuidado e o guardou para me entregar. Fiquei agradecida e feliz com a atitude do aluno, vi o grande amor que ele dedicava às letras e me tinha como referência de leitora.

Eu e meus alunos brincávamos de fazer teatro somente com o corpo e a voz, algumas vezes com mímicas, outras com fantoches de papel que eles mesmos confeccionavam na sala, pintavam e pregavam em pau de picolé ou de churrasco. Algumas peças foram apresentadas para o restante da escola como: “*A moura torta*”, do livro “*As aventuras de Pedrinho*”, de Monteiro Lobato; “*O caso da boneca negra*”, de José Artheiro; “*A história do rei Salomão e as duas mulheres*”, da Bíblia; “*A moça do táxi*”, de Walcyr Monteiro; “*Os sete corvos*”, dos Irmãos Grimm; “*Bruxinha e as maldades da Sorumbática*”, de Eva Furnari; e outras, mas a maioria das performances ficava só para nós, na sala de aula.

Com meus alunos, nem lembrava que era tímida, lia e contava histórias com a maior desenvoltura, pois concordo plenamente com Machado (2004, p. 78) ao expressar que “ler não é melhor do que contar “de boca”, como dizem as crianças. Contar de boca não é melhor do que ler. [...] Na escola é conveniente alterar essas duas situações de ler e contar para ampliar as possibilidades de escuta e aprendizado dos alunos”.

Os professores de arte das escolas em que trabalhei sempre colaboraram com minhas ideias, eram extremamente criativos, eu imaginava figurinos e/ou cenários e eles faziam ainda melhor. Com isso aprendi muitas técnicas de produção de objetos/recursos para o teatro usando material alternativo. Um dia pedi a um professor que fizesse os personagens da história “*Os sete corvos*”, pensei que ficariam bons desenhados em papel cartão para serem colados

em pau de picolé. Qual foi minha surpresa quando o professor me apresentou sete corvos com as asinhas abertas, feitos delicadamente com EVA preto e com efeito de 3 D, foi o maior sucesso na nossa sala.

Certa vez, também com o objetivo de incentivar meus alunos na leitura, falei que poderíamos ler os livros em capítulos como as novelas da televisão, assim cada dia eu lia por quinze minutos um livro, depois parava, sempre em uma parte muito boa, marcava a página e no outro dia continuava e assim íamos até terminar o livro. No começo os alunos não queriam, achavam chato e demorado completar quinze minutos. Mas nunca desisti. Com o tempo eles começaram a se acostumar e depois a maioria já esperava o momento da leitura.

Quando estávamos lendo “*O mágico de Oz*”, de Lyman Frank Baum, e já tínhamos passado da metade do livro, aconteceu de eu comentar com uma amiga, que era professora de teatro, sobre esses quinze minutos de leitura diária na minha turma. Ela imediatamente me pediu o livro emprestado, pois estava justamente procurando um texto para montar a peça com seus alunos, eles eram da mesma faixa etária que os meus. Eu neguei, não poderia interromper a leitura, falei que emprestava assim que terminasse o livro, mas ela insistiu, tinha pressa, precisava montar a peça, dividir o texto entre os alunos, providenciar figurino, montar cenário, ensaiar..., e mais, prometeu que faria uma sessão extra para meus alunos assim que a peça estresseasse.

Diante dos argumentos usados por minha amiga, falei que emprestaria o livro e no outro dia contei a novidade para meus alunos. Eles queriam saber o que era teatro, nunca tinham visto uma peça, e ficaram maravilhados com a possibilidade desse passeio, apenas alguns ainda reclamaram, perguntaram se ia demorar muito, pois queriam saber o final da história. Depois de alguns dias, minha amiga devolveu o livro e ficou de avisar quando a peça ficasse pronta.

Falei com a diretora, conseguimos ônibus e a nossa turma foi pela primeira vez a um teatro, e em uma sessão exclusiva para eles, os olhinhos atentos, conheciam a história, silêncio, risos, e no final, puderam ir aos bastidores conhecer os atores, pegaram autógrafos, eu e minha amiga nos abraçamos, foi um momento de muita alegria e aprendizagem. O ocorrido virou conversa por muito tempo.

E depois de quinze anos como professora, busquei formação em educação especial e inclusiva com ênfase em deficiência visual. Hoje, tenho alunos com cegueira e com baixa visão, continuo lendo e contando histórias para eles e para quem quiser ouvir. Eles também me contam histórias, é “o poder da escuta, o trabalho de autoria que se dá na recepção de uma narrativa” (GIRARDELLO, 2012, p. 56), quem ouve histórias sente vontade de contar também.

Descobri que muitas pessoas com deficiência visual não conhecem os contos de fadas e nem as lendas amazônicas, pois dificilmente encontram livros adaptados para

lerem. Elas utilizam audiolivros e leitores de tela⁵ para realizar a leitura auditiva. Não perdi tempo e fui atrás de cursos para aprender a acessibilizar textos literários e as ilustrações que os acompanham. Pesquisei sobre acessibilidade literária no Mestrado em Educação que fiz na UEPA, cujo tema da dissertação foi “Lamparina para cegos: literatura acessível na Amazônia⁶”.

Agora, desenvolvo atividades de leitura e adaptação de livros para pessoas com deficiência visual, ampliando as letras para aqueles com baixa visão; escrita Braille e livro falado⁷ para as pessoas com cegueira; e áudio-descrição⁸ para ambos os grupos, pois as ilustrações audiodescritas contribuem para a interpretação das histórias e podem ajudar na produção de textos.

Tive a oportunidade de produzir um livro falado com o próprio autor, Daniel Leite e juntos fomos os leitores⁹ da obra “*A história das crianças que plantaram um rio*”, narrativa amazônica repleta de poesia que mostra a harmonia de uma relação entre avó e neto em um tempo psicológico, ensina que “saúde é um jeito de se fechar os olhos e andar dentro da gente” (LEITE, 2013, p. 15).

Contribuo ainda como formadora no projeto Lamparina Acesa Literatura Acessível,

⁵ Programas em computadores e outros similares que convertem textos escritos em textos em áudio.

⁶ Dissertação disponível: http://ccse.uepa.br/mestradoeducacao/wp-content/uploads/dissertacoes/joana_celia_do_socorro_gomes_de_andrade_martins.pdf

⁷ É a gravação da leitura, na íntegra, de um livro convencional em tinta, para serem lidos/ouvidos por pessoas que por algum motivo não podem ou têm dificuldade para ler, pessoas com deficiência visual, disléxicas e outras.

⁸ Tecnologia assistiva para acessibilizar imagens.

⁹ Aqueles que leem para pessoas com deficiência visual.

do núcleo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA/UEPA), que oportuniza professores e alunos ao conhecimento e possível atuação na área da deficiência visual. O projeto referido disponibiliza palestras e oficinas voltadas para a acessibilidade literária.

Os contadores

E quando abriu a barriga da cobra, o que tinha lá dentro? O filho do compadre sentado no banquinho comendo banana com farinha!

O meu ingresso no grupo de contadores de histórias *Ayvurapyta*¹⁰ contribuiu e muito para eu diminuir uma das coisas que mais me incomodava: minha timidez. Ela se fez presente logo nos primeiros encontros de estudos e ensaios, e mais ainda quando precisei me apresentar com o grupo em eventos literários. Tremia e suave, enquanto aguardava minha vez de entrar. Muito diferente da minha espontaneidade com meus alunos, agora dava um frio na barriga na hora de contar, minha voz quase que sumia diante dos ouvintes.

Nas reuniões para avaliar o trabalho do grupo, era comum alguém comentar sobre minha voz ser baixa demais e minhas histórias muito longas. Eu que nunca havia medido o tamanho das histórias que contava para meus alunos, se eram curtas ou longas, eu nunca sabia, pois cada história tinha o tamanho ideal. Ouvia os comentários e refletia, depois compreendi o motivo da preocupação, era por

¹⁰ Palavra indígena que significa som, palavra habitada. Maiores informações do grupo no canal do Youtube e no Facebook: [ayvurapyta.contadoreshistorias](https://www.youtube.com/ayvurapyta)

causa do público que iria ouvir, muitas pessoas não estavam acostumadas à escuta e as histórias longas acabavam por distraí-los. No entanto, mesmo enfrentando esse problema no período de adaptação ao grupo, em nenhum momento pensei em desistir, gostava de contar histórias e do grupo, prometi para mim que iria aprender histórias curtas e falar mais alto.

Alguns integrantes do grupo, ao perceberem minha insegurança, procuraram me auxiliar com atenção e oferecimento de histórias para eu compor meu repertório e ainda me indicaram livros sobre a arte de contar histórias. Com o tempo, me acostumei com o jeito de cada contador do grupo e foi diminuindo o medo de me apresentar em público.

Contávamos histórias em escolas, bibliotecas, feiras literárias e em muitos outros lugares. Tínhamos momentos de estudo sobre a arte de contar de histórias e de trocas de livros e textos contendo histórias e poemas para ampliar nosso repertório. Com o grupo pude descobrir técnicas para memorizar e narrar histórias, preparar roteiros, exercícios de voz, e outros. Compreendi que o contador de histórias precisa ler muito e sempre, tanto para conhecer as histórias e formar seu repertório, quanto para aprender sobre a arte de contar.

Um dos locais favoritos do grupo Ayvu Rapyta para as reuniões de encantamento e planejamento é o bosque Rodrigues Alves, espaço de natureza em meio aos prédios e asfalto da cidade de Belém. O contato com o chão úmido nos corredores entre o verde das folhagens em árvores gigantes, ladeadas por

outras menores e até rasteiras... uma cutia aqui, um macaco acolá, peixe-boi, arara, marreco, tartaruga... o Mapinguari, o lago da Iara, os casquinhos (canoas) nas águas calmas, o trinar dos pássaros, a chuva fina, tudo em harmonia para saudar os contadores de histórias.

Dez anos de existência do grupo Ayvu Rapyta, dez anos contando histórias e brincando com os adultos e crianças que emprestam seus ouvidos para nossas vozes. Olhinhos atentos, concentração, o corpo vibra com as histórias e poemas recitados pelos contadores. Lembro-me de uma vez em que havíamos terminado uma apresentação do grupo em uma escola quando a coordenadora se aproximou e com a voz firme disse: *“é verdade mesmo que o taja¹¹ se transforma em um casal de namorados? Na casa da minha irmã, em Mosqueiro¹², é a planta que protege a casa de ladrões”*. Ela se referia à lenda do Tamba-taja¹³ que havíamos contado.

Ainda hoje estudo e fico tensa antes de me apresentar com o grupo, mas seguro firme no ganzá¹⁴, ele me dá a força que preciso. Aprendi que são as histórias que escolhem o contador e as histórias que memorizamos mais rápido são aquelas que chegam aos nossos ouvidos pela voz, pois as histórias lidas levam um tempo maior para que sejam internalizadas.

¹¹ Tamba-taja é uma planta de folhas triangulares, de cor verde escura, trazendo em seu verso outra folha de tamanho reduzido, cujo formato se assemelha ao órgão genital feminino.

¹² Mosqueiro é uma ilha com muitas praias de água doce, fica próximo de Belém, no Pará.

¹³ A lenda do Tamba-taja está disponível no sítio: <http://www.cdpara.pa.gov.br/tamba.php>

¹⁴ O ganzá é uma espécie de chocalho que os integrantes do grupo Ayvu Rapyta utilizam como instrumento de percussão durante as apresentações.

O trabalho desenvolvido pelo grupo como as “rodas de histórias”, “rodas de conversa com Ayvu Rapyta”, “fios das histórias” e a “websérie Vozes Literárias do Pará” nos oportunizou a aproximação com outros contadores de histórias e com os escritores paraenses de outras localidades. O companheirismo entre os integrantes do Ayvu Rapyta é revelado nos pequenos gestos, na troca de histórias, na seleção das músicas que intercalam os textos, no sacudir do ganzá, no sorriso espontâneo e na admiração pelo outro.

A arte de contar histórias é diferente de contar histórias. Somos todos contadores em potencial, podemos contar uma história e encantar os ouvintes, mas existe uma arte com roteiro, exercícios de memorização, expressividade vocal, ritmo e outras técnicas que podem ser aprendidas para melhorar a atuação de um contador. A arte de contar histórias, segundo a contadora Regina Machado¹⁵, “é um plano de elaboração, que tem a ver com um caminho de pesquisa, tem a ver com o modo que eu aprendo de escutar, o modo como eu estou contando, pode ser aprendida, requer planejamento, tem técnica, tem exercício, tem aprendizagem”.

Em meu caminhar pude dialogar com muitas vozes sobre a arte de contar histórias, algumas passaram rapidamente, outras me acompanham até hoje, todas contribuíram para a minha formação. Cito algumas aqui: Regina Machado, no livro “*Acordais: fundamentos*

teórico-poéticos da arte de contar histórias”; Celso Sisto, na obra “*Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*”; Cléo Bussato, em “*Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa*”; e Gislayne Matos e Inno Sorsy, no livro “*O ofício do contador de histórias*”.

E não poderiam ficar de fora alguns grupos de contadores paraenses como o Griot, Cirandeiros da Palavra, Xamã, os contadores do Ayvu Rapyta (Gilvanete Situba, Sônia Situba, Paulo Demétrio, Eduardo Souza e Clóvis Martins) e outros tantos contadores que irradiam o amor pela doação da palavra em todas as suas formas, Maiolina Neves, Heliana Barriga, Juraci Siqueira, Ana Selma Cunha, Joana Chagas, Janete Borges... e muitos não citados, mas que igualmente contribuíram com o meu ser.

As histórias têm o poder de encantar e não precisam ser explicadas, e nem trazer lições de moral, porque toda história “revela a cada pessoa, no seu momento e no seu contexto, uma experiência particular de entendimento” (MACHADO, 2004, p. 60). É por essa razão que várias pessoas ouvem a mesma história, entretanto cada um vai ter uma compreensão, cada um vai receber o seu alento, pois “as histórias são bálsamos medicinais. [...] Elas têm uma força! Não exigem que se faça nada, que se seja nada, que se aja de nenhum modo – basta que prestemos atenção” (ESTÉS, 1994: 30).

Ao serem ouvidas, as histórias penetram no corpo das pessoas e ficam guardadinhas em seus corações para que delas possam fazer uso quando quiserem e/ou precisarem. A esse

¹⁵ Trecho de uma palestra proferida por Regina Machado em um Encontro do Espaço de Leitura no Parque da Água Branca, em 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=djmjgO62trQ>

respeito, revela o contador Daniel Munduruku (2005, p. 7), as “histórias moram dentro da gente, lá no fundo do coração. Elas ficam quietinhas num canto. Parecem um pouco com a areia no fundo do rio: estão lá, bem tranquilas, e só deixam sua tranquilidade quando alguém as revolve. Aí elas se mostram”.

Um posto de vista semelhante observamos em Sisto (2007, p. 7) “Às vezes, numa história que sabemos vinda de longe, com nomes de personagens diferentes, com outro jeito de contar, com episódios nunca antes imaginados, há, na sua essência, alguma coisa que nos é familiar”. Por isso, que dizem que o contador de histórias conta um conto e aumenta um ponto. As histórias têm fios que se entrelaçam para formar intertextos, as vozes dos contadores, a teia de Anansi, o guardião das histórias.

Referências

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo mulher selvagem.** Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GIRARDELLO, Gilka. Na clareira do presente: o diálogo narrativo entre as gerações. *In*: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (orgs.). **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares.** São Paulo: Cortez, 2012. (41-57)

LEITE, Daniel da Rocha. **A história das crianças que plantaram um rio.** Belém: Ponto Press, 2013.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo: DCL, 2004.

MUNDURUKU, Daniel. **Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória.** São Paulo: Editora Studio Nobel, 2005.

SISTO, Celso. **Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos.** São Paulo: Paulus, 2007.

Joana Martins é mestra em Educação, do Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação (UEPA, 2016), na linha de Saberes Culturais e Educação na Amazônia; integrante do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA), vinculado a UEPA, atuando no projeto Lamparina Acesa: Literatura Acessível. Possui Pós Graduação em Educação Especial e Inclusiva (FAEL, 2012); em Língua Portuguesa: uma abordagem textual (UFPA, 2006); em Alfabetização Infantil (UEPA, 1999), Graduação em Formação de Professores - Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (1996). Tem experiência na área da Educação Inclusiva, com ênfase em Deficiência Visual. É contadora de histórias, membro do grupo Ayvu Rapyta de contadores de histórias, desde 2008.